

O papel do agronegócio na economia brasileira

SETOR CRESCEU MAIS QUE O PIB NACIONAL EM 2007 E REPRESENTOU UM TERÇO DE TUDO QUE FOI EXPORTADO NO PAÍS; SOJA LIDERA AS REMESSAS PARA O EXTERIOR E PODE LEVAR O BRASIL A SUPERAR OS EUA NO COMÉRCIO INTERNACIONAL



AGRONEGÓCIO REPRESENTOU EM 2007 CERCA DE 24% DA ECONOMIA BRASILEIRA. OS ALTOS PREÇOS DAS COMMODITIES E UMA SAFRA RECORDE DE 133,3 MILHÕES DE TONELADAS DE GRÃOS (CEREAIS, LEGUMINOSAS E OLEOGINOSAS), DE ACORDO COM O IBGE, FIZERAM COM QUE O SETOR COMO UM TODO CRESCESSE 7,89% EM COMPARAÇÃO COM O PERÍODO ANTERIOR, 2005/2006. O PIB DO AGRONEGÓCIO, QUE SOMA A PRODUÇÃO AGRÍCOLA, A PECUÁRIA E OS INSUMOS, ATINGIU R\$ 611,8 BILHÕES, DE ACORDO COM ESTIMATIVA DA CNA (CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL), FEITA EM PARCERIA COM O CEPEA-USP (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO).

Este crescimento foi maior até mesmo que o do PIB nacional, que subiu 5,4% em 2007 e alcançou R\$ 2,55 trilhões. E ainda compensou o comportamento praticamente estável observado em 2006 (quando houve alta de apenas 0,45%) e a queda ocorrida em 2005 (de 4,66%).

A julgar pelo comportamento do setor no primeiro quadrimestre de 2008, o bom desempenho deve continuar. Em janeiro, fevereiro, março e abril houve um crescimento de 3,83%, em comparação com o mesmo período do ano anterior, o que fez com que a CNA projetasse para o ano um aumento nos negócios de 10% em relação a 2007. A previsão foi respaldada também pelos números da atual safra (2007/2008). Com 90% dos grãos colhidos, a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) estimou um novo recorde: 143,3 milhões de toneladas.

As exportações do agronegócio atingiram, em 2007, a marca de US\$ 58,4

bilhões (mais de um terço de tudo o que o Brasil exportou no ano passado). O saldo da balança comercial do agronegócio ficou positivo em 49,7 bilhões. Só nos primeiros seis meses de 2008, as remessas para o estrangeiro totalizaram US\$ 33,7 bilhões, 26,3% acima do valor obtido no mesmo período de 2007.

Vale a pena destacar o crescimento do complexo sucroalcooleiro. Por conta do aumento da demanda pelo etanol, a expectativa da Conab é que a produção de cana-de-açúcar em 2008 fique entre 558,1 milhões a 579,8 milhões de toneladas – de 11,3% a 15,6% maior que a registrada no ano passado. As exportações também vêm crescendo. De acordo com números do Ministério da Agricultura, de 2005 para 2006 as vendas externas de álcool subiram 109,6%.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A relação do Brasil com os recursos do



ANTÔNIO CAUDÉRIO / FOLHA IMAGEM

Farelo de soja estocado no porto de Santos aguarda embarque para China

solo remonta ao início de sua história como colônia. Se inicialmente esta dependência estava ligada a uma atividade puramente extrativista, com a retirada de pau-brasil quase até a extinção, depois ela ensejou uma sucessão de projetos de monocultura. As lavouras de cana, localizadas em especial no Nordeste do país, sustentaram a economia brasileira por décadas, até que a mineração se sobrepusesse, no século 18. No século 19 ganhou espaço o café, plantado principalmente no Sudeste. A cultura rapidamente se tornou a principal moeda de exportação brasileira.

Foi somente com a explosão da urbanização do país e o desenvolvimento industrial, a partir da década de 1940, que surgiram novas áreas agrícolas no país. Nos anos 70, com a criação da Embrapa e do SNPA (Sistema Nacional de Pesquisa

Agropecuária), foram produzidas variantes genéticas mais resistentes de culturas até então propícias somente à região Sul do país. Soja e milho puderam ganhar assim o Cerrado. E a incorporação de novas tecnologias fez com que a região se tornasse responsável por mais de 40% da produção brasileira de grãos, de acordo com a Embrapa. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) considera que 60% do aumento

33 MILHÕES DE EMPREGOS

Até 31 de dezembro 2006, de acordo com os dados preliminares do Censo Agropecuário do IBGE, o setor empregava cerca de 16,4 milhões de pessoas. Uma estimativa feita pela Fundação Getúlio Vargas dois anos antes, mas que levava em conta também as vagas na indústria de insumos e processamento e na distribuição dos produtos, elevava o número de trabalhadores no agronegócio para cerca de 33 milhões.

Pesquisas científicas possibilitaram um aumento de 60% da produtividade da agropecuária no país

da produtividade do setor no Brasil nos últimos anos se deveu à pesquisa. A oferta de carnes bovina e suína foi multiplicada por 4 vezes, e a de frango aumentou 18 vezes. A produção de leite aumentou de 7,9 bilhões de litros em 1975 para 25,4 bilhões de litros em 2006, e a produção brasileira de hortaliças elevou-se de 9 milhões de toneladas, em uma área de 700 mil hectares, em 1980, para 17,5 milhões de toneladas, em 771,4 mil hectares, em 2006, segundo números da Embrapa.

O explosivo aumento da produção de soja, de quase 30 vezes no transcorrer de apenas três décadas, determinou uma cadeia de mudanças sem precedentes na história do Brasil. Esse crescimento se deveu não apenas ao aumento da área plantada (de 1,3 milhão para 8,8 milhões de hectares, entre a década de 1970 e os anos 2000), mas também ao expressivo incremento da produtividade (1,14 t/ha para 1,73 t/ha), por conta das novas tecnologias disponibilizadas aos produtores pela pesquisa brasileira.

De acordo com levantamento da Assessoria de Gestão Estratégica do MAPA, a partir de dados do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), a produtividade atual é de 2,8 t/ha, equivalente à americana e à argentina (primeiro e terceiro lugares no ranking mundial de produção, respectivamente). Na safra 2007/8, o Brasil deve produzir 59 bilhões de toneladas de soja (contra 71,5 bilhões do Estados Unidos), segundo as projeções do

ministério. Na safra 2008/2009, é esperado que o Brasil responda por 40% de todo o grão que for exportado, superando os EUA como o maior exportador mundial. O chamado complexo soja, que inclui, além do grão, o farelo e o óleo, é o principal produto agrícola brasileiro para exportação. Esses números constam da publicação “Projeções do Agronegócio”, lançada no começo de 2008.

O crescimento da produção e o aumento da capacidade competitiva da soja brasileira foram e continuam sendo os fatores responsáveis pela criação de uma grande tradição técnica, empresarial e comercial geradora de capital e mão-de-obra, que contribuiu para o agronegócio brasileiro em todas as dimensões. No entanto, adversidades climáticas, como pouca disponibilidade de água no solo, veranicos, distribuição irregular das chuvas ao longo do ano e temperaturas elevadas podem comprometer seu desenvolvimento, como mostra este estudo.

A expectativa é que as mudanças climáticas interfiram negativamente em um processo que, sem elas, seria de franco crescimento. Desde 2006, os Estados Unidos vêm diminuindo sua área

Plantação de café no Espírito Santo, um dos principais Estados produtores da cultura



A AGRICULTURA FAMILIAR

A produção agrícola brasileira pode ser dividida entre comercial e familiar, em uma proporção de cerca de 63% e 37%, respectivamente, de acordo com o censo agropecuário de 1996 (o mais recente, de 2006, ainda não teve os resultados divulgados). Enquanto os grandes produtores controlam a primeira, concentrando também as exportações, a segunda, feita por pequenos e médios produtores é responsável principalmente pelo abastecimento interno, apesar de também colaborar com o fornecimento para a indústria, especialmente de frango e leite.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário, cerca de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros

provêm da agricultura familiar. Os principais alimentos cultivados nesse modelo são carne suína (60% da produção anual está na agricultura familiar), frangos (70%), feijão (67%), leite (56%) e mandioca (89%). Milho é produzido em parcelas quase iguais pela agricultura familiar e comercial. Já soja, cana, café e arroz são predominantemente comerciais. As frutas estão, em sua maioria, nas mãos das famílias.

Diante da crise mundial de alimentos, o governo brasileiro anunciou uma ampliação do crédito a grupos familiares. A meta é atender 1 milhão de pequenos produtores até 2010, a um custo aproximado de R\$ 25 bilhões. Além disso, o teto do crédito rural para esses agricultores deve subir dos atuais R\$ 28 mil para R\$ 100 mil.

plantada de soja, ao substituir parte dela por milho para atender a demanda por biocombustíveis. Isso, aliado à expansão da área no Brasil, aponta uma tendência de inversão do primeiro e do segundo colocados no ranking mundial. Pelas estimativas do Ministério da Agricultura, considerando as condições genéticas e climáticas atuais, o Brasil saltará dos atuais 59 milhões de toneladas para 75,35 milhões na safra de 2017/2018, respondendo, na ocasião, por 33% da produção mundial de soja, contra 30,4% dos EUA, de acordo com

os cálculos da organização internacional Fapri (Instituto de Estudos de Política Agrária e Alimentar, na sigla em inglês).

Os resultados deste estudo sugerem, no entanto, que essas estimativas podem estar otimistas demais, visto que o aquecimento global pode diminuir a área de baixo risco ao cultivo de soja no país em pelo menos 21% até 2020. Daí por que se fazem tão necessárias mais pesquisas para minimizar os impactos do aquecimento global e estabelecer estratégias de adaptação.

Algumas respostas o governo vem dando. O Ministério da Agricultura tem defendido a criação de um PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) agrícola, que diminuiria os juros para os financiamentos e traria um seguro contra catástrofes climáticas. Tal projeto ainda está em negociação, mas paralelamente o governo lançou o PAC da Embrapa, que prevê o investimento de cerca de R\$ 1 bilhão para as pesquisas na agricultura brasileira até 2010, além de mais contratações para a empresa. Parte dos recursos deve subsidiar estudos sobre formas de amenizar os efeitos das mudanças climáticas na agropecuária. O tema também deve ser incluído no Plano Nacional de Mudanças Climáticas, que está em elaboração pelo governo.



LUIZ CARLOS MURAIKAS/FOLHA IMAGEM